ReGeo ISSN: 2177-3246

FONTES DE ESTRESSE EM ENFERMEIROS DE UM HOSPITAL PÚBLICO DA PROVÍNCIA DE MAPUTO

SOURCES OF STRESS AMONG NURSES AT A HOSPITAL IN MAPUTO PROVINCE

FUENTES DE ESTRÉS ENTRE EL PERSONAL DE ENFERMERÍA DE UN HOSPITAL EN LA PROVINCIA DE MAPUTO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-118

Data de submissão: 21/08/2026 **Data de publicação:** 21/09/2026

João Pascoal
Mestre em Psicologia das Organizações
Instituição: Universidade Eduardo Mondlane
E-mail: jpdenil2002@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-4683-1015

Paulo David Muhate
Mestre em Psicologia das Organizações
Instituição: Escola Secundária da Zona Verde, Maputo
E-mail: pmuhate@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009 0006 0261 100X

Mussa Abacar
Doutor em Psicologia Cognitiva
Instituição: Universidade Rovuma
E-mail: mabacar@unirovuma.ac.mz
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7797-8101

RESUMO

O profissional de enfermagem lida, de forma rotineira, com elevada demanda de trabalho, o que o expõe constantemente a situações de estresse laboral. Este estudo investigou as fontes de estresse em enfermeiros de um hospital público da província de Maputo. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas a 30 sujeitos. Foram identificados, por meio de análise de conteúdo temática, seis factores de estresse no trabalho, a saber: Fatores associados ao estresse incluíram, Condições de trabalho inadequadas, Sobrecarga de trabalho, Jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos, Remuneração insuficiente e falta de benefícios sociais, Relacionamento interpessoal hostil e, Baixo reconhecimento profissional. Os factores apontados constituem vetores centrais que podem comprometer a saúde física e mental dos profissionais investigados e, por conseguinte, a qualidade, frequência e segurança dos cuidados prestados. A adoção de estratégias de enfrentamento desses fatores modificáveis deve ser considerada, a fim de proporcionar melhor saúde e qualidade de vida dos enfermeiros. Os achados reforçam a importância de programas de prevenção e intervenção para a redução do estresse, coadjuvados pela melhoria das situações de trabalho desses profissionais.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional. Enfermagem. Saúde Mental.

ABSTRACT
Nursing professionals routinely face high workloads, constantly exposing them to workplace stress. This study investigated sources of stress among nurses at a public hospital in Maputo Province. Using a qualitative approach, the research involved semi-structured interviews with 30 participants. Through thematic content analysis, six workplace stress factors were identified: inadequate working conditions, excessive workload, long working hours and shift work, insufficient remuneration and lack of social benefits, hostile interpersonal relationships, and low professional recognition. These factors are key drivers that can compromise the physical and mental health of the professionals studied and, consequently, the quality, consistency, and safety of the care provided. Strategies to address these modifiable factors should be considered to improve the nurses' health and quality of life. The findings underscore the importance of stress reduction prevention and intervention programs, supported by improvements in the professionals' working conditions.

Keywords: Occupational Stress. Nursing. Mental Health.

RESUMEN
Los profesionales de enfermería se enfrentan habitualmente a una elevada carga de trabajo, lo que los expone constantemente al estrés laboral. Este estudio investigó las fuentes de estrés entre el personal de enfermería de un hospital público en la provincia de Maputo. Mediante un enfoque cualitativo, la investigación incluyó entrevistas semiestructuradas a 30 participantes. A través del análisis de contenido temático, se identificaron seis factores de estrés laboral: condiciones de trabajo inadecuadas, carga de trabajo excesiva, jornadas laborales prolongadas y trabajo por turnos, remuneración insuficiente y falta de prestaciones sociales, relaciones interpersonales hostiles y bajo reconocimiento profesional. Estos factores son determinantes clave que pueden comprometer la salud física y mental de los profesionales estudiados y, en consecuencia, la calidad, la coherencia y la seguridad de la atención prestada. Se deben considerar estrategias para abordar estos factores modificables con el fin de mejorar la salud y la calidad de vida del personal de enfermería. Los hallazgos subrayan la importancia de los programas de prevención e intervención para reducir el estrés, respaldados por mejoras en las condiciones laborales de los profesionales.

Palabras clave: Estrés Laboral. Enfermería. Salud Mental.

1 INTRODUÇÃO

A profissão de enfermagem exige uma combinação equilibrada de conhecimento científico, habilidades técnicas e sensibilidade humana. Envolve desde a promoção e prevenção da saúde até a recuperação e reabilitação de pacientes, operando como o elo vital entre o tratamento médico e o cuidado diário. É uma profissão cuja essência está no cuidado ao ser humano. Exige dedicação especial do profissional, pois cuidar do outro de forma integral vai além de solucionar problemas físicos, envolve também reconhecer todas as suas necessidades e buscar maneiras de atendê-las (FERRI *et al.,* 2018).

Os enfermeiros estão expostos a diversos riscos, sendo eles: biológicos, químicos, físicos e ergonômicos, tornando-os susceptíveis a doenças, sejam físicas ou emocionais (CARDOSO *et al.,* 2021). Muitas vezes sujeitados a funções que exigem grande responsabilidade, atuam em cargas horárias excessivas, aumentando seus níveis de estresse, exaustão e danos psicológicos e problemas fisiológicos (BRITO *et al.,* 2025; FREIRE, SANTIAGO, 2017; OLIVEIRA *et al.,* 2017).

No ambiente hospitalar, o profissional de enfermagem atua muitas vezes em um ambiente de trabalho que favorece seu desgaste físico e mental, devido um alto padrão de exigência, que visa uma maior qualidade de atendimento, de forma rápida e por um baixo valor de remuneração (MORAES *et al.,* 2021;). O desgaste desses colaboradores aumenta ao terem que fornecer um atendimento em um ambiente sem infraestrutura, com falta de materiais, e sem um treinamento regular da equipe de saúde acerca dos novos protocolos. Essa situação encaminha o profissional para um adoecimento por conta de uma má qualidade de vida (BEZERRA *et al.,* 2020).

É neste quadro que situações de estresse podem se desenvolver, comprometendo o bom funcionamento mental dos enfermeiros e das unidades hospitalares. A relevência para esta investigação assenta em três eixos principais: epidemiológico, ético e político. O primeiro diz respeito a prevalência de estresse entre profissionais de saúde em Moçambique, que atinge patamares que podem comprometer a sustentabilidade do sistema assistencial (VICENTE *et al*., 2023; ABACAR *et al*., 2021; CARLOS; CANDRINHO, 2021). O segundo assenta na ideia de que a qualidade dos cuidados prestados ao doente não pode ser dissociada das condições de produção desses cuidados. O terceiro e último eixo pressupõe que a ausência de estratégias institucionais efetivas para o enfrentamento do estresse profissional representa uma omissão com consequências diretas sobre a segurança do paciente e sobre os indicadores de qualidade hospitalar. Diante do contexto apresentado, foi desenvolvido este estudo com o objetivo de investigar as fontes e consequências de estresse em enfermeiros de um hospital público da província de Maputo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo estresse deriva etimologicamente do latim *stringere*, que significa "estreitar" (De Almeida *et al.*, 2016). A expressão era utilizada no século XVII para significar "dificuldade, esforço, adversidade ou aflição" (ANBAZHAGAN; RAJAN, 2013).

Estudos pioneiros sobre o estresse tiveram lugar graças ao médico austríaco Hans Selye, no contexto da saúde. Ele começou a usar essa palavra em seus estudos na década de 1930 (SILVA; SALLES, 2016; DE ALMEIDA *et al*., 2015; FRIEDRICH *et al*., 2015; SALVADOR *et al*., 2013). Selye, em 1936, introduziu o conceito de "Síndrome Geral de Adaptação" (SGA ou que a sua sigla em inglês se diz *GAS*). Nessa abordagem, observou que o corpo não apresenta capacidade adaptativa infinita. Ou seja, em determinado momento perde a capacidade de se adaptar, o que gera repercussões negativas na saúde do indivíduo (CAVALCANT *et al*., 2021).

A definição do estresse ocupacional nem sempre ocorreu de forma clara, havendo inconsistências entre o senso comum e o que a literatura especializada tem apresentado. O estresse ocupacional refere-se à resposta física, emocional e comportamental à demanda excessiva no trabalho (CORDIOLI *et al*., 2019). Ocorre quando não é possível atender às demandas de uma situação, comprometendo o bem-estar dos profissionais. (WERKE *et al*., 2023; DIÑO *et al*., 2022). Do ponto de vista psicológico e relacional, o estresse é entendido como uma condição que se manifesta quando as demandas do ambiente de trabalho são percebidas como demasiado altas, fazendo com que o indivíduo ultrapasse seus recursos e capacidades de adaptação (HUMBERTO *et al*., 2021).

O estresse ocupacional relaciona-se mais com os aspectos ergonômicos. Portanto, no contexto profissional, ele configura-se quando a origem dos agentes estressores (factores do estresse) relaciona-se com o espaço de trabalho ou decorre das atividades realizadas naquele ambiente (MUCAVELE *et al*., 2022; HUMBERTO *et al*., 2021; ALIANTE *et al*., 2020). Neste sentido, concebe-se, então, o estresse ocupacional como sendo aquele que se manifesta quando as exigências profissionais excedem os recursos disponíveis (MUCAVELE *et al*., 2022) e o profissional não consegue atender às demandas solicitadas (DIAS *et al*., 2016).

Abacar *et al*. (2021) comentam que o estresse surge quando as trocas entre o indivíduo e o meio ambiente fazem com que ele perceba, ou até sinta, uma diferença, que pode ser real ou não, entre o que uma situação exige e os recursos de que ele dispõe para lidar com o evento. Esses recursos podem envolver fatores psicológicos ou sistemas sociais.

O estresse ocupacional na profissão de enfermagem tem sido amplamente investigado, contando com um sólido acervo científico que evidencia seus determinantes e consequências para a saúde dos profissionais e para a qualidade dos cuidados (SANTANA *et al*., 2020; SOUZA *et al*., 2020;

LLAPA-RODRIGUEZ *et al*., 2018; SCHOLZE *et al*., 2017). No entanto, no contexto nacional, verifica-se uma lacuna significativa na literatura da área, pois a pesquisa sobre a temática encontra-se numa fase incipiente.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou o modelo de desenho exploratório, descritivo e qualitativo. O instrumento de coleta utilizado foi a entrevista a partir de um roteiro de perguntas semiestruturado. O roteiro de entrevista buscou abordar as causas do estresse no trabalho e suas consequências na vida dos enfermeiros. A entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 2004). A semiestruturada é focalizada em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 2004). Ela constitui recurso mais adequado para a obtenção de informações que pertencem ao universo do entrevistado e sua principal vantagem é a possibilidade de obter informações gravadas. Ao todo, foram realizadas 30 entrevistas, no contexto de trabalho dos enfermeiros.

A coleta de dados ocorreu nos meses de maio a julho, de acordo com a disponibilidade indicada pelo participante. No início das entrevistas, as quais foram realizadas de forma individual, explicava-se a relevância da entrevista, relembrando, com brevidade, o objetivo da pesquisa, abordando ainda os aspectos da confidencialidade e do anonimato. A duração das entrevistas variou entre 20 a 40 minutos. todas as entrevistas foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. A gravação ajuda a guardar o material de forma precisa, fiel e recuperável, pois fica registado o que foi dito, e não o que pensamos que foi dito .As gravações podem ser ouvidas mais do que uma vez, e as transcrições podem ser melhoradas, constituindo, assim, a gravação, a transcrição e o seu uso, atividades essenciais de investigação (SILVERMAN, 2000).

O delineamento deste estudo atendeu os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos definidos na Lei n.º 6/2023, de 8 de junho - Lei de Investigação em Saúde Humana em Moçambique e Decreto n.º 53/2024, de 18 de julho – que aprova o Regulamento da Lei de Investigação em Saúde Humana. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane/Hospital Central de Maputo (CIBS FM & HCM), sob o parecer número 123/2024 e pelo Comité Científico da Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), parecer n.º 058/CEPUP/9/2025.

A análise dos dados foi orientada pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), que consiste na produção de inferências, a partir de materiais textuais para seu contexto social, de forma objetivada e propõe uma abordagem sistemática para identificar categorias temáticas nos discursos. A cada participante foi lhe atribuído um código com letra “E”, seguido de um algarismo (i.e., E1, E2, E3.....E30). Emergiram duas categorias principais definidas à *priori*: i) fontes de estresse e ii) consequências do estresse em enfermeiros. A primeira categoria inclui seis subcategorias e a segunda três subcategorias, apresentadas nas Tabelas 1 e 2, sucessivamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta sessão é reservada a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Constam, sucessivamente, as fontes e consequências do estresse nos enfermeiros. A seguir, é exibida a Tabela matricial da categoria fontes de estresse (Tabela 1).

4.1 CAUSAS DO ESTRESSE DOS ENFERMEIROS

Tabela 1. Tabela matricial da categoria fontes de estresse ocupacional

Categoria 1 **Tema**: **Fontes do stress ocupacional**
Subtema: Condições de trabalho inadequadas
Verbalizações
"*Falta de material e equipamento adequado para nossas atividades* (E13). “As *infraestruturas apresentam-se degradadas*" (E14). "*Nas enfermarias à noite, a iluminação é fraca* […]" (E23). *“Sinto que tem falta de estrutura física, tecnológica e recursos humanos adequados”.* (E26). *“A falta de melhores condições de trabalho tem-me deixado preocupado*” (E30).
Subtema: Sobrecarga de trabalho
Verbalizações
"Atender pacientes acima de normal sozinha, uma média de 100 pacientes por dia cria-me pressão" (E5). *"Trabalho excessivo sem direito a descanso" (E6).* "*Trabalhar sob pressão, carga horária no trabalho aumentado*" (E11). "*Gerir o comportamento dos meus colegas; pressão dos meus superiores relacionados com a falta de material*" (E12). "*Constante pressão dos médicos para ter [...] mesmo sabendo que não há no hospital*" (E30).
Subtema: Jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos
Verbalizações
"Quando trabalho no período noturno, não me alimento a tempo" (E13). *"Estou sobrecarregado por trabalhar em turnos de 24 horas, por vezes mais que isso"* (E15). "*Trabalhar em turnos de 24 horas é muito cansativo e estressa*" (E25).
Subtema: Remuneração insuficiente e falta de benefícios sociais
Verbalizações
"O a*traso no pagamento de salário e horas extras é ameaçador, uma vez que, actualmente a nossa profissão sofre com isso"* (E04). *“Baixo salário aliado a falta de material médico-cirúrgico, sobrecarga de trabalho e escassez de dinheiro para suprir as minhas necessidades básicas, me fez desenvolver um quadro de ansiedade e insônia". (E10).* "*Falta de pagamento de subsídio de diuturnidade*" (E28) *"A lentidão do governo em efectuar o pagamento de horas extras e outros subsídios deixa-me muito ansioso e triste"* (E29).
Subtema: Relacionamento interpessoal hostil
Verbalizações
"*Há colegas que não sabem trabalhar em equipa. Pacientes que não colaboram e alguns são agressivos*" (E17). "*Lidar com colegas fofoqueiros*" (E18). "*Lidar com colegas e direção do hospital*" (E24). "*Falta de boa comunicação entre colegas*" (E26).
Subtema: Baixo reconhecimento profissional
Verbalizações
“*Nós ficamos mais tempo no hospital. O trabalho que realizamos é muito importante. Deviam nos valorizar mais para continuar a atender cada vez melhor os nossos pacientes.*” (E 8). “*Não sinto que temos recebido reconhecimento devido pelo trabalho feito no hospital. Noto mais pedra e ataques contra nós, do que gratidão e isso me deixa irritado*.” (E14). "*Falta de consideração e não progressão na carreira*" (E19). “*Eu gostaria de ser valorizado no meu trabalho. Mas não é o que tem vindo acontecer. Sinto falta disso e tenho andado triste com essa situação*.” (E20).

Fonte: Elaboração dos próprios autores (2025)

As fontes de estresse no trabalho dos enfermeiros (Tabela 1) categorizam-se em: Condições de trabalho inadequadas, Sobrecarga de trabalho, Jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos, Remuneração insuficiente e falta de benefícios sociais, Relacionamento interpessoal hostil e Baixo reconhecimento profissional. A discussão é feita por categoria de análise.

4.1.1 Condições de trabalho inadequadas

Em relação às condições de trabalho, os participantes referem-se a falta de material médico-cirúrgico para realizar procedimentos de enfermagem, fraca iluminação e escassez de recursos humanos qualificados para completar as equipas de trabalho. Segundo Braga *et al*. (2015), o ambiente é um fator primordial para qualidade da assistência, desde os primórdios do século XIX. De acordo com a teoria ambientalista de Florence Nightingale, o cuidado de enfermagem está intimamente ligado ao meio externo, no qual pode repercutir de forma positiva ou negativa.

A carência de equipamentos de trabalho e a limitação de recursos para assistência são situações que contribuíram para o sofrimento psíquico em profissionais de enfermagem (MIRANDA *et al*., 2021). Estudos apontam que falta de estrutura física, recursos materiais e condições inadequados no ambiente laboral se configuram tanto fatores desestabilizadores quanto de desgaste emocional (REIS *et al*., 2020; OLIVEIRA *et al*., 2017).

4.1.2 Sobrecarga de trabalho

A quantidade de tarefas, as longas jornadas e o trabalho sob pressão impactam diretamente no bem-estar, aumentando os níveis de *stress*. Conforme os depoimentos dos participantes, o excesso e a pressão de trabalho constituem fonte primária de estresse, agravada pela escassez de profissionais. A sobrecarga de trabalho pode ocasionar o aumento de erros e à diminuição da qualidade dos cuidados prestados aos utentes. Estudos com amostras de enfermeiros apontam o excesso de cargas horárias como agente estressor (BETKE *et al*., 2021; SANTANA *et al*., 2021; MARTÍNEZ-ZARAGOZA *et al*., 2020; TSARAS *et al*., 2018; GLANZNER *et al*., 2017; SILVA *et al*., 2017; PEREIRA *et al*., 2016; PRESTES *et al*., 2015; RIBEIRO *et al*., 2015). Além do mais, a sobrecarga de trabalho do enfermeiro tem contribuído para o desequilíbrio emocional (NUNES, 2020).

4.1.3 Jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos

Jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos roubam o tempo necessário para descansar e recuperar, tanto física como mentalmente. As longas jornadas, trabalhar em turnos e, em particular, o trabalho noturno, são fontes de desgaste físico e psicológico (DE OLIVEIRA *et al*., 2016).

Os depoimentos apresentados demonstram a preocupação que os enfermeiros têm em realizar trabalho em regime de turnos e prolongado. Relataram os participantes a questão da carga horária de trabalho que é desgastante, pois pode envolver horários laborais diurnos e noturnos, que podem ser mais um fator que impacta na qualidade de vida do profissional (SOUZA *et al*., 2025). O trabalho em turnos não apenas contribui para ocorrência de distúrbios de sono, mas também provoca um aumento

da sonolência durante o dia e uma queda dos estados de alerta das pessoas. Esse estresse, por sua vez, tende a intensificar os efeitos do excesso de trabalho (ANTUNES, 2020).

Pesquisas mostram que pessoas que trabalham longas jornadas estão mais expostas a riscos como acidente vascular cerebral, sintomas depressivos, diabetes tipo 2, síndrome metabólica, acidentes de trabalho e incapacidade (LI; SIEGRIST, 2018).

Horários prolongados roubam o tempo necessário para descansar e recuperar, tanto física como mentalmente. As longas jornadas, trabalhar em turnos e, em particular, o trabalho noturno, são fontes de desgaste físico e psicológico (DE OLIVEIRA *et al*., 2016). Estas condições perturbam o ritmo circadiano, podendo levar a fadiga crónica, irritabilidade e dificuldades na vida social e familiar, potenciando o *Stress* (NOVARETTI *et al*., 2014).

4.1.4 Remuneração insuficiente e falta de benefícios sociais

Quanto à remuneração insuficiente e falta de benefícios sociais, as falas dos sujeitos apontam essencialmente os baixos salários, a falta de pagamento de subsídio de diuturnidade e demora no pagamento de horas extras. Quando o trabalho executado é maior que o quantitativo de salário recebido, torna-se um dos principais fatores que causam a insatisfação do trabalhador (BERNARDES *et al*., 2013). Além disso, Souza *et al*. (2020) observam que a remuneração insuficiente é o principal fator de insatisfação de profissionais de enfermagem, uma vez que a profissão é vista como de muita responsabilidade onde o trabalhador deve desempenhar uma função importante para a melhora do paciente.

Tal como afirmam Jain e Hyde (2021), no cenário atual, a remuneração adequada do funcionário é grande factor para reduzir o estresse no local de trabalho, pois reduz a pressão financeira do trabalhador. A baixa remuneração somada às responsabilidades e exigências vivenciadas pelos enfermeiros, além do desgaste físico e emocional, contribuem com ambiente de trabalho menos saudável. Um salário que permite apenas a sobrevivência de um indivíduo impõe restrições na sua vida pessoal, uma vez que sobreviver e viver são situações completamente diferentes.

4.1.5 Relacionamento interpessoal hostil

Entre as relações interpessoais causadoras de *estresse* mencionadas pelos respondentes figuram o relacionamento interpessoal com os chefes e entre colegas de trabalho e ainda o excesso de autoritarismo de alguns médicos e chefes. Lima *et al*. (2023) revelaram que a percepção dos funcionários em relação ao ambiente interpessoal é um importante contribuinte para o estresse no ambiente laboral. Na mesma linha, o estudo de Bordignon *et al*. (2015) destaca que, a falta de união

destes profissionais torna a assistência mais difícil, diminuindo a qualidade de atendimento ao utente, evoluindo para comprometimento do atendimento humanizado, gerando desconforto tanto para o profissional como para o próprio cliente. Mais ainda, a ausência de sinergia e individualismo entre a equipa pode gerar desunião, podendo influenciar no desempenho laboral e na qualidade do cuidado prestado (PEREIRA *et al*., 2019).

4.1.6 Baixo reconhecimento profissional

A falta de reconhecimento e progressão na carreira constituem de *Stress* apontadas pelos participantes da pesquisa. Os problemas de desenvolvimento de carreira afetam não só os profissionais de enfermagem, mas igualmente servidores públicos de outros setores da Administração Pública moçambicana (ALIANTE *et al*., 2024; SANTOS; VICENTE *et al*., 2023; ABACAR *et al*., 2020).

Na visão do Chiavenato (2014), as recompensas podem ir muito além do salário: elas representam a satisfação das expectativas e necessidades dos colaboradores. Isso inclui desde questões financeiras, não financeiras e segurança até o crescimento pessoal e profissional e a valorização. O reconhecimento no trabalho, a cooperação entre os membros da equipa, o respeito profissional e o apoio psicológico podem ser elementos de proteção contra o adoecimento (MONTEIRO *et al*., 2013).

Chiavenato (2014) destaca que recompensas financeiras, como comissões e bônus, funcionam como instrumentos diretos de estímulo ao desempenho e à entrega de resultados. Essas recompensas são essenciais para a satisfação contínua no trabalho e para o fortalecimento do vínculo emocional com a organização.

O sistema de remuneração na função pública em Moçambique se baseia nos Estatutos Gerais dos Funcionários e Agentes do Estado (EGFAE), e é composto pelo vencimento e pelos suplementos. As formas de remuneração e subsídios incluem: remuneração por substituição; remuneração por trabalho extraordinário; remuneração por trabalho noturno; remuneração por gratificação de chefia; remuneração durante o período de formação; remuneração do funcionário estudante e subsídio de adaptação; e subsídio de trabalho em condições excepcionais (DECRETO Nº5/2018). Ainda assim, alguns estudos nacionais (VICENTE *et al*., 2023; ABACAR *et al*., 2021; CARLOS; CANDRINHO, 2021) indicam que profissionais de saúde vivenciam situações de estresse ocupacional, resultante da sobrecarga de trabalho, condições de trabalho, remuneração, oportunidade de desenvolvimento na carreira, relacionamento interpessoal e dificuldades de conciliação trabalho-família.

4.2 CONSEQUÊNCIAS DO ESTRESSE DOS ENFERMEIROS

As consequências do estresse laboral dos enfermeiros são diversificadas. Na Tabela 2 são agrupadas as consequências de estresse e as falas dos participantes.

Tabela 2. Quadro matricial da categoria consequências do stress dos enfermeiros

Categoria 2
Tema: **Consequências do stress dos enfermeiros**
Subtema: consequências físicas
Verbalizações
"*Dores nas articulações (membros inferiores e coluna*...)" (E1).
"*A minha pressão (HTA) sobe quase todos os dias por causa do meu trabalho*". (E03).
"Dor forte de coluna" (E14).
"*Tenho sentido durante o trabalho com frequência dores dos músculos todos, pescoço e braços.”* (E8).
"Problemas digestivos e gastrite por conta do estresse" (E09).
"Dor de cabeça intensa e tonturas" (E17).
"Tenho hipertensão arterial, dores de cabeça, gastrite" (E15);
"*Perda de peso, cefaleias constante e anorexia*" (E21).
"*Enxaqueca constante e pressão baixa (HTA) " (*E30);
"*Tive de iniciar as consultas com neurologista devido a cefaleia constante*" (E01).
"*Fadiga e cansaço excessivo*" (E16).
"*Acidente vascular cerebral (AVC ou DCV), lombalgia* " (E27).
Subtema: consequências psicológicas
Verbalizações
"Depressão" (E02).
"*Ando muito ansioso não sei o que fazer*." (E31).
“Tenho muita vontade de fugir de tudo, ansiedade e medo" (E22)
Subtema: consequências no trabalho
Verbalizações
“Na enfermaria, é comum enfrentar uma carga de trabalho bastante pesada. Isso acontece porque o serviço atende muitas pessoas, na maioria totalmente dependentes, precisam de cuidados especializados”(E6).
“Há poucos profissionais disponíveis para atender a toda essa demanda”. (E29).

Fonte: Elaboração dos próprios autores (2025)

Em relação às consequências de estresse, os entrevistados verbalizaram três grupos de consequências, nomeadamente: consequências físicas, consequências psicológicas e consequências no trabalho (Tabela 2). As consequências de estresse de natureza física mencionadas foram: lesões músculo-esqueléticas ou DORT (manifestadas em dores nas articulações, dores de coluna e dores musculares), problemas gastrointestinais, dores de cabeça, tonturas, hipertensão arterial, perda de peso, cefaleias, anorexia, enxaqueca, pressão baixa, fadiga, cansaço, acidente vascular cerebral e lombalgia. Trabalhadores expostos, de forma prolongada, aos fatores estressantes podem sofrer angina do peito, elevação da frequência cardíaca, da pressão arterial e do lipídio sérico, além da agregação plaquetária, aumentando o risco de trombose arterial (SANTOS, 2020). O trabalho de Tsai e Liu (2012) com profissionais de saúde tailandeses destaca que 41,4% dos profissionais de saúde revelaram sintomas gastrointestinais. Já Jackson e Rothmann (2006) concluiram que as dores de cabeça e a sensação de tensão muscular constituem problemas de saúde manifestados por educadores. Atualmente, a cefaleia

é, também, uma das queixas mais frequentes na prática médica, sendo considerada um grande problema de saúde pública. Estima-se que mais da metade da população apresente algum tipo de cefaleia em determinada fase da vida, e em grande parte, de forma crônica (NOBRE, 2006).

A enfermagem é considerada a principal profissão com potencial para desenvolver DORTs, apresentando a maior taxa de prevalência de DORTs no mundo (MAILUTHA *et al*., 2020). Estes distúrbios são responsáveis por grande parte da morbilidade, mortalidade e incapacidade, bem como pela prestação de cuidados de saúde (LANDSBERGIS *et al*., 2017). As lesões músculo-esqueléticas ou DORT reduzem a qualidade de vida dos funcionários e o desempenho, constituindo a forma mais cara de incapacidade para o trabalho, atribuindo cerca de 40% de todos os custos para o tratamento de lesões relacionadas ao trabalho (YASOBANT; RAJKUMAR, 2014).

A prevalência desses sintomas está diretamente relacionada à natureza das atividades laborais, que submetem os funcionários a fatores de risco ergonômicos e psicossociais, elevando significativamente a probabilidade de lesões na coluna vertebral (MONTEIRO; MANCUSSI, 2015). Cabe destacar, que esses transtornos são considerados um problema de saúde pública e a segunda maior causa de ausências registadas na previdência social gerando custos para as instituições públicas e privadas (SOUZA *et al*., 2020).

A doença oste-muscular não causa apenas dor, mas também pode dificultar o sono, alterar o humor e embaraçar a realização das tarefas, tanto no local de trabalho quanto em casa. Isso acaba gerando sofrimento emocional e, em alguns casos, até a perda da identidade social, na família e no ambiente profissional. Muitas pessoas se sentem desvalorizadas ou incapazes, o que aumenta ainda mais o impacto dessa condição na vida delas (DE OLIVEIRA; MENDES, 2014).

A depressão, ansiedade, medo e subida quase que diária de pressão, emergiram entre as consequências psicológicas. A literatura descreve ocorrência de transtornos mentais comuns (TMC) em profissionais de enfermagem. Estudos epidemiológicos realizados na área da saúde do trabalhador evidenciaram associação entre a ocorrência de TMC e trabalho exercido por esses profissionais, (ARAÚJO *et al*., 2025). Ainda em relação às alterações psíquicas, (GOMES *et al*., 2022) comentam que o desgaste causado pelo estresse pode levar o indivíduo ao estado de Burnout, termo que descreve a realidade de estresse crônico em profissionais que desenvolvem actividades que exigem alto grau de contato com as pessoas.

Quanto às consequências no trabalho, os enfermeiros relataram ser muito comum enfrentar uma carga de trabalho bastante pesada pois a enfermaria não possui cuidados especializados e também, há poucos profissionais disponíveis para atender a toda essa demanda. A combinação de sobrecarga de trabalho e longas jornadas pode resultar em fragilidades na capacidade funcional e moral dos

enfermeiros, levando à insatisfação, falta de vontade de continuar no trabalho, aumento da depressão, sofrimento e manifestações físicas.

As condições desafiadoras no ambiente de trabalho contribuem para desequilíbrios tanto físicos quanto mentais nos enfermeiros, levando-os a um estado de esgotamento e exaustão que pode resultar em problemas de saúde e aumento do absenteísmo (CARDOSO *et al*., 2015). Como revelou a investigação de Tsai e Liu (2012), profissionais de saúde que relatavam maior carga horária, apresentaram menor interesse nutricional, maior risco de não conseguir gerenciar bem o estresse e maior sintomatologia clínica provenientes do estresse como distúrbios gastrointestinais, comparados com seus congeneres com menor carga horária. A piora nutricional está associada à falta de tempo devido o excesso de trabalho dos profissionais, pois a escassez de tempo acarreta o consumo de alimentos com pouca qualidade nutricional (TSAI; LIU, 2012).

Os enfermeiros enfrentam, igualmente, desafios significativos relacionados ao sofrimento e à exaustão, devido à exposição a casos difíceis, como dor, morte e outros sofrimentos decorrentes de doenças (MUNIZ *et al*., 2019). O cenário organizacional deficiente e a intensidade do desgaste, faz com que o trabalhador seja conduzido à ineficiência do seu trabalho e baixa da sua qualidade de vida, impactando negativamente na sua saúde e na redução da sua produtividade.

5 CONSIDERACÕES FINAIS

Este estudo investigou as fontes de estresse em profissionais de enfermagem de um hospital público da província de Maputo. Os achados sugerem que as fontes de estresse nos profissionais estudados estão intrinsecamente ligadas à estrutura e organização dos sistemas de saúde e agrupam-se em condições de trabalho inadequadas, sobrecarga de trabalho, jornada de trabalho prolongada e trabalho por turnos, remuneração insuficiente, relacionamento interpessoal hostil e baixo reconhecimento profissional. Estes estressores surgem como eixos centrais do problema, comprometendo a saúde física e mental destes profissionais e, por consequência, a qualidade e segurança dos cuidados prestados.

Os resultados devem ser interpretados à luz de algumas limitações, como o fato de a pesquisa envolver enfermeiros de uma unidade hospitalar e ser do tipo transversal. Para ampliar o conhecimento sobre estresse nos enfermeiros moçambicanos e sugerir formas de prevenção e intervenção mais efetivas, afigura-se necessário que investigações futuras sejam baseadas em *design* quantitativo e com amostras maiores, envolvendo deste modo maior número de unidades sanitárias do país. Reconhecer que o mundo de trabalho está em constante transformação e precisa se adequar à realidade dos profissionais é essencial, especialmente na busca contínua pela melhoria das condições de trabalho e

da qualidade do atendimento na área da saúde. A implementação de medidas de prevenção e intervenção em estresse é, igualmente, fundamental para facultar aos enfermeiros condições apropriadas para a sua realização profissional.

REFERÊNCIAS

ABACAR M., ALIANTE, G.; DINIZ, J. A. Stress ocupacional e estratégias de enfrentamento em enfermeiros de um hospital público. Em L. V. Toledo (Org.), Gerenciamento de Serviços de Saúde e Enfermagem, 149-160. Atena, 2021. DOI:10.22533/at.ed.67325210117

ABACAR, M., ALIANTE, G.; ANTÓNIO, J. F. Stress e estratégias de coping em estudantes universitários. Aletheia, v. 54, n. 2, 133-144, 2021. https://doi.org/DOI10.29327/226091.54.2-13

ABACAR, M., ALIANTE, G.; NAHIA, I. A. A.. Fontes de estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento em professores moçambicanos do ensino básico. Saúde e Pesquisa, v. 13, n. 1, 41-52, 2020. https://doi.org/10.17765/2176-9206.2020v13n1p41-52

ALIANTE, G., MENDES, J. M. R.; JOSÉ, C. M. Fatores psicossociais protetivos e de risco relacionados ao trabalho docente da Educação Básica em Nampula, Moçambique. APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, v. 31, 134-157, 2024. 10.22481/aprender.i31.13790 DOI: 10.22481/aprender.i31.13790

ALIANTE, G., ABACAR, M.; PEREIRA, A. M. Estresse ocupacional em professores moçambicanos da educação inclusiva. Estudos interdisciplinares em psicologia, v. 11, n. 1, 162, 2020. https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n1p162.

ANBAZHAGAN, M. A.; RAJAN, D. A Conceptual Framework of Occupational Stress and Coping Strategies. ZENITH International Journal of Business Economics & Management Research, v. 3, n. 5, 154-172, 2013.

ARAÚJO, M. P. B., PEREIRA, K. D. S. S., & DA SILVA, R. M. Impacto do Estresse Ocupacional na Saúde e Atuação de Profissionais de Enfermagem. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 8 (19), e082611, 2025. https://doi.org/10.55892/jrg.v8i19.2611

BERNARDES, L. S., ROCHA, I. C.; BARBOZA, M. C. N. A insatisfação profissional dos enfermeiros de um hospital público no centro oeste. Journal of Nursing and Health, v. 3, n. 1., 62-73, 2013. https://doi.org/10.15210/jonah.v3i1.3506

BETKE, K., BASIŃSKA, M.A. & ANDRUSZKIEWICZ, A. Sense of coherence and strategies for coping with stress among nurses. BMC Nurs 20, 107 (2021). https://doi.org/10.1186/s12912-021-00631-1

BEZERRA, G. D., SENA, A. S. R., BRAGA, S. T., DOS SANTOS, M. E. N., CORREIA, L. F. R., DE FREITAS CLEMENTINO, K. M., ... PINHEIRO, W. R. O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde: revisão integrativa. Revista Enfermagem Atual In Derme, Edição Especial COVID19, e-020012, 2020. https://doi.org/10.31011/reaid-2020-v.93-n.0-art.758

BORDIGNON, M., MONTEIRO, M. I., MAI, S., MARTINS, M. DE F. DA S. V., RECH, C. R. A.; TRINDADE, L. D. L. Oncology nursing professionals' job satisfaction and dissatisfaction in Brazil and Portugal. Texto e Contexto Enfermagem, v. 24 , n. 4, 925-933, 2015. https://doi.org/10.1590/0104-07072015000046500 14

BRAGA, L. M., TORRES, L. M.; FERREIRA, V. M. Condições de trabalho e fazer em enfermagem. Revista de Enfermagem da UFJF, v. 1, n. 1, 2015.

BRITO, A. L. S., DE ALMEIDA, C. L., DOS SANTOS, F. S., LEAL, G. G., DE SOUSA, J. K. M., GOMES, P. D. A.; JUREMA, H. C. Enfermagem: impacto do trabalho na saúde mental. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 9, 1232-1240, 2025. https://doi.org/10.51891/rease.v11i9.20932

CARDOSO, G. M. P., OLIVEIRA, J. M. L., CARNEIRO, B. A., BASTOS, M. A. C. ; FIGUEREDO, W. N. Condições de trabalho da enfermagem: uma revisão integrativa. REVISA, v. 10, n. 1, 13-21,2021. https://doi.org/10.36239/revisa.v10.n1.p13a21

CARDOSO, M.R., LIMA, S.A., OLIVEIRA, D.S., VIANA, P.T. Fatores Estressores: Interferência na Qualidade da Assistência dos Profissionais Enfermeiros. Prática Hospitalar, v. 17, n. 97, 22-27, 2015.

CARLOS, E.; CANDRINHO, G. C. Stress ocupacional em profissionais de saúde: um estudo com enfermeiros de um hospital público. Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ, v. 5, 01-12, 2021.

CAVALCANTI, A. L. D. S. R., BAGAROLLO, M. F., LIPP, M. E. N.; CONSTANTINI, A. C. Treino de controlo do stress de Lipp: uma revisão integrativa de literatura. Boletim-Academia Paulista de Psicologia, v. 41, n. 100, 37-47, 2021.

CHIAVENATO I. Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4 ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2014.

CORDIOLI, D. F. C., CORDIOLI, J. R., GAZZETA, C. E., SILVA, A. G.; LOURENÇÃO, L. G. Occupational stress and work engagement in primary health care workers. Rev Bras Enferm. v. 72, n. 6, 1580-7, 2019. doi: http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0681.

DE ALMEIDA, D. M., IBDAIWI, T. K. R., LOPES, L. F. D., COSTA, V. M. F.; POSSAMAI, L. O. Estresse ocupacional na perspectiva dos bombeiros da cidade de Santa Maria/RS. ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas São Paulo.v. 5, n. 1, 156-171 2015. https://doi.org/10.20503/recape.v5i1.23322

DECRETO N. " 5/2018: Regulamento do Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado-REGFAE. Imprensa Nacional de Moçambique, E. P., Maputo, Moçambique: Edição eletrónica, Pandora, 2018.

Lima, L. A. de O., Domingues Junior, P. L., de Oliveira, E. R., de Medeiros, J. F., de Borba, M. L., João, B. do N., de Oliveira, M. A. M. L., & Rebello, F. A. S. (2023). Fatores estressores e as estratégias de Coping adotadas por bancários de uma agência financeira do município de Três Rios - RJ. contribuciones a las ciencias sociales, v. 16, n. 10, p. 18990–19007, 2023. https://doi.org/10.55905/revconv.16n.10-017

DE OLIVEIRA, G. M., DA SILVA, R. M., DE MORAES FILHO, I. M.; DE AZEVEDO GUIDO, L. Influência do turno de trabalho na qualidade de vida dos profissionais de enfermagem de um hospital público do noroeste do Mato Grosso-MT. REVISA, v. 5, n. 1, 4-20, 2016.

DE OLIVEIRA, J. N.; MENDES, A. M. Sofrimento psíquico e estratégias defensivas utilizadas por desempregados: contribuições da psicodinâmica do trabalho. Temas em Psicologia, v. 22, n. 2, 389-399, 2014. DOI: 10.9788/TP2014.2-10

DIAS, F. M., SANTOS, J. F. DE C., ABELHA, L.; LOVISI, G. M. O estresse ocupacional e a síndrome do esgotamento profissional (burnout) em trabalhadores da indústria do petróleo: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 41, n. 0, 2016. https://doi.org/10.1590/2317-6369000106715.

DIÑO MJS, BRACERO PJ, BUENCAMINO A, CAJAYON SB, CATAJAN MW, DE LEON MLL . Should I stay or should I go?' a mixed methods study on nurse retention during challenging times. Belitung Nurs J. 8 (6): 481-90, 2022. http://doi.org/10.33546/bnj.2327. PMid:37554232.

FERRI, L. P., DE PAULA, C. R., DE SOUZA ALVES, H. P.; ALVES, J. B. G. Satisfação e insatisfação no processo de trabalho de enfermeiros que atuam na atenção primária. Itinerarius Reflectionis, v. 14, n. 4, 01-15, 2018. https://doi.org/10.5216/rir.v14i4.54990

FREIRE, A. K. S.; SANTIAGO, E. J. P. Doenças ocupacionais nos trabalhadores de enfermagem e educação em saúde: revisão integrativa. Rev. Saúde e desenvolvimento, v. 11, n. 6, 202-218, 2017.

FRIEDRICH, A. C. D., MACEDO, F.; REIS, A. H. Vulnerabilidade ao stress em adultos jovens. In Revista Psicologia Organizações e Trabalho, v. 15, n. 1, 59-70, 2015. https://doi.org/10.17652/rpot/.1.499

GLANZNER, C. H., OLSCHOWSKY, A., PAI, D. D., TAVARES, J. P.; HOFFMAN, D. A. Assessment of indicators and experiences of pain and pleasure in family health teams based on the Psychodynamics of Work. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 38, n. 4, 2017. https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.2017-0098.

GOMES, D. A, SILVA, N. R. A., JÚNIOR, J. X. S., MADEIRA, L. G., FERREIRA, N.C., MOTA, R. S. VIEIRA, M. A., LIMA, T. O. S.; ABRÃO, R. K. As Consequências do Estresse Provocado Pelo Trabalho no Profissional em Saúde. Revista Concilium, v. 22, n. 4, 2022. DOI: 10.53660/CLM-370-369.

HUMBERTO, S., ABACAR, M.; ALIANTE, G. Sintomas de stress e estratégias de coping em professores moçambicanos do ensino superior, v. 10, n. 3, p. e28910313260, 2021. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13260

JAIN, R.; HYDE, A. Effectiveness of stress management interventions in indian insurance sector. International Journal of Happiness and Development, v. 6, n. 4, 390-403, 2021. https://doi.org/10.1504/IJHD.2021.117794

LANDSBERGIS, P. A., DOBSON, M., LAMONTAGNE, A. D., CHOI, B. K., SCHNALL, P.; BAKER, D. B. Occupational stress. Occupational and Environmental Health, Issue August, 2017. https://doi.org/10.1093/oso/9780190662677.003.0017

LLAPA-RODRIGUEZ, E. O., DE OLIVEIRA, J. K. A., NETO, D. L., GOIS, C. F. L., DE AGUIAR CAMPOS, M. P.; DE MATTOS, M. C. T. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. Revista Enfermagem, v. 26, 2018. https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.19404

MAILUTHA, J. T., MUGGA, J.; KANALI, C. L. Prevalence of musculoskeletal disorders among nurses in Kenya: Part 1, anthropometric data and MSDS. International Journal of Emerging Technology and Advanced Engineering, v. 10, n. 4, 158-163, 2020.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional Sobre Pesquisas e Estudos Qualitativos. A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC, 2004.

MARTÍNEZ-ZARAGOZA ID, F., BENAVIDES-GIL, G., ROVIRAID, T., MARTÍN-DEL-RÍO, B., EDO, S., GARCÍA-SIERRA, R., NGEL SOLANES-PUCHOL, A.; FERNÁ NDEZ-CASTRO, J. When and how do hospital nurses cope with daily stressors? A multilevel study. PLoS ONE, 15(11), 1-18. Article e0240725, 2020. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0240725

MIRANDA, F. B. G., YAMAMURA, M., PEREIRA, S. S., PEREIRA, C. DOS S., PROTTI-ZANATTA, S. T., COSTA, M. K.; ZERBETTO, S. R Sofrimento psíquico entre os profissionais de enfermagem durante a pandemia da COVID-19: Scoping Review. Escola Anna Nery, 25 (spe), e20200363, 2021. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0363

MONTEIRO, C. R.; MANCUSSI, E. F. A. C. Sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de uma unidade neonatal, UTI neonatal e banco de leite humano. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, v. 13, n. 2, 83-90, 2015.

MONTEIRO, J. K., OLIVEIRA, A. L. L. DE, RIBEIRO, C. S., GRISA, G. H.; AGOSTINI, N. Adoecimento psíquico de trabalhadores de unidades de terapia intensiva. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 33, n. 2, 366-379, 2013. https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200009

MORAES, A. D. O. N., BARRETO, C. D. S. M., DOS SANTOS, M. G., DE OLIVEIRA, C. F. P.; DA SILVA PEREIRA, R. M. Saúde ocupacional de profissionais de enfermagem e a depressão. Research, Society and Development, v. 10, n. 7, e55810716831-e55810716831, 2021. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16831

MUCAVELE, B. N. X.-X., ABACAR, M.; ALIANTE, G. Sintomatologia de Stress em policiais da região sul de Moçambique durante a pandemia da Covid-19. Trabalho (En) Cena, v. 7, e022025, 2022.https://Doi.Org/10.20873/2526-1487e022025.

MUNIZ, D. C., ANDRADE, E. G. DA S.; DOS SANTOS, W. L. A saúde do enfermeiro com a sobrecarga de trabalho. Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 2, n. 2, 274-279, 2019.

NOBRE, M.E. Cefaléias em salvas. São Paulo: Lemos Editorial, 2006.

NOVARETTI, M. C. Z., SANTOS, E. DE V., QUITÉRIO, L. M.; DAUD-GALLOTTI, R. M. Nursing workload and occurrence of incidents and adverse events in ICU patients. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 67, n. 5, 692-699, 2014. https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670504

NUNES, M. R. A atuação do enfermeiro em unidade de terapia intensiva na pandemia de COVID-19: relato de experiência. In Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n.11, e4935, 2020. https://doi.org/10.25248/reas.e4935.2020.

OLIVEIRA, M. M., DE ANDRADE, N. V.; BROCK, J. Riscos ocupacionais e suas repercussões nos profissionais de enfermagem no âmbito hospitalar. Revista Enfermagem Contemporânea, v. 6, n. 2, 129-138, 2017. https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v6i2.1523

OLIVEIRA, V. C.; ALMEIDA, R. J. Aspectos que determinam as doenças osteomusculares em profissionais de enfermagem e seus impactos psicossociais. Journal of Health Sciences, v. 19, n. 2, 130, 2017. https://doi.org/10.17921/2447-8938.2017v19n2p130-135.

PEREIRA, S. D. S., TEIXEIRA, C. A. B., REISDORFER E., VIEIRA, M. V., GHERARDI-DONATO, E. C. DA S.; CARDOSO, L. A relação entre estressores ocupacionais e estratégias de enfrentamento em profissionais de nivel tecnico de enfermagem. Texto e Contexto Enfermagem, v. 23, n. 4, 2016. https://doi.org/10.1590/0104-07072016002920014

PEREIRA, T. B., BEZERRA, M. R. B.; BARROS, M. M. A. Relações interpessoais da equipe de enfermagem no ambiente de trabalho. Da ciência em Foco, v. 3, n. 1, 65-81, 2019.

PRESTES, F. C., BECK, C. L. C., MAGNAGO, T. S. B. DE S.; DA SILVA, R. M. Pleasure-suffering indicators of nursing work in a hemodialysis nursing service. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 49, n. 3, 465-472, 2015. https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000300015

REIS, C. D., AMESTOY, S.C., DA SILVA G.T.R., DOS SANTOS, S.D. R. Situações estressoras e estratégias de enfrentamento adotadas por enfermeiras líderes. Acta Paul Enferm, 33, 1-7,2020. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0099

RIBEIRO, R. M., POMPEO, D. A., PINTO, M. H.; RIBEIRO, R. DE C. H. M. Estratégias de enfrentamento dos enfermeiros em serviço hospitalar de emergência. In Acta Paulista de Enfermagem, v. 28, n. 3, 216-223, 2015. https://doi.org/10.1590/1982-0194201500037

SALVADOR, R. D. S. P., SILVA, B. A. D. S. D. A.; LISBOA, M. T. L. Estresse da equipe de enfermagem do corpo de bombeiros no atendimento pré-hospitalar móvel. Escola Anna Nery, v. 17, 361-368, 2013. https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000200022

SANTANA, L. C., FERREIRA, L. A.; SANTANA, L. P. M. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem de um hospital universitário. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 2, 1-7, 2020.

SANTANA, T. DA S., SERVO, M. L. S., SOUSA, A. R. DE, FONTOURA, E. G., GÓIS, R. M. O. DE.; MERCES, M. C. Estratégias de Coping utilizadas por enfermeiras de Emergência hospitalar. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 30, 1-15, 2021. https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0435

SANTOS, C.S.C.S., ABREU, D. P. G., MELLO, M. C. V. A., ROQUE, T. S.; PERIM, L. F. Avaliação da sobrecarga de trabalho na equipe de enfermagem e o impacto na qualidade da assistência. Research, Society and Development, v. 9, n. 5, e94953201-e94953201, 2020. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3201

SCHOLZE, A. R., MARTINS, J. T., ROBAZZI, M. L. D. C. C., HADDAD, M. DO C. F. L., GALDINO, M. J. Q.; RIBEIRO, R. P. Estresse ocupacional e fatores aAssociados entre enfermeiros de hospitais públicos. Cogitare Enfermagem, v. 22, n. 3, e50238, 2017. http://dx.doi.org/10.5380/ce.v22i3.50238

SILVA, L. C.; SALLES, T. L. D. A. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. Revista de Carreiras e Pessoas, v. 6, n. 2, 2016. https://doi.org/10.20503/recape.v6i2.29361

SILVERMAN, D. Doing Qualitative Research: a Practical Handbook, 2000. https://www.researchgate.net/publication/279187451_Doing_Qualitative_Research_A_Handbook.

SOUZA, R. C., SILVA, S. M.; COSTA, M. L. A. S. Estresse ocupacional no ambiente hospitalar: revisão das estratégias de enfrentamento dos trabalhadores de Enfermagem. Rev Bras Med Trab, v. 16, n. 4, 493-502, 2020. DOI: 10.5327/Z1679443520180279.

TSAI, Y.; LIU, C.. Factors and symptoms associated with work stress and health-promoting lifestyles among hospital staff: a pilot study in taiwan. Bmc Health Services Research, v. 12, n. 1, p. 1-8, 16 jul. Springer Science and Business Media LLC, 2012. http://dx.doi.org/10.1186/1472-6963-12-199

TSARAS, K., DAGLAS, A., MITSI, D., PAPATHANASIOU, I. V., TZAVELLA, F., ZYGA, S.; FRADELOS, E. C. A cross-sectional study for the impact of coping strategies on mental health disorders among psychiatric nurses. Health Psychology Research, v. 6, n. 1, 9-15, 2018. https://doi.org/10.4081/hpr.2018.7466

VICENTE, D., JOSÉ, C. M., ALIANTE, G.; ELIAS, L. A. P. Stress ocupacional em trabalhadores de um centro de saúde público na cidade de Nampula-Moçambique durante a COVID-19. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, v. 23, n. 3, 2570-2578, 2023. https://doi.org/10.5935/rpot/2023.3.24113

WERKE E. B.; WERET, Z. S. Occupational stress and associated factors among nurses working at public hospitals of Addis Ababa, Ethiopia, 2022: a hospital based cross-sectional study. Front Public Health. v. 11, n. 1147086, 2023. http://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1147086

WORLD HEALTH ORGANIZATION. International classification of impairments disabilities and handicaps: a manual of classification relating to the consequences of disease. Genebra: World Health Organization, 1980.

YASOBANT, S.; RAJKUMAR, P. Work-related musculoskeletal disorders among health care professionals: A cross-sectional assessment of risk factors in a tertiary hospital, India. Indian Journal of Occupational and Environmental Medicine, v. 18, n. 2, 75-81, 2014. https://doi.org/10.4103/0019-5278.146896